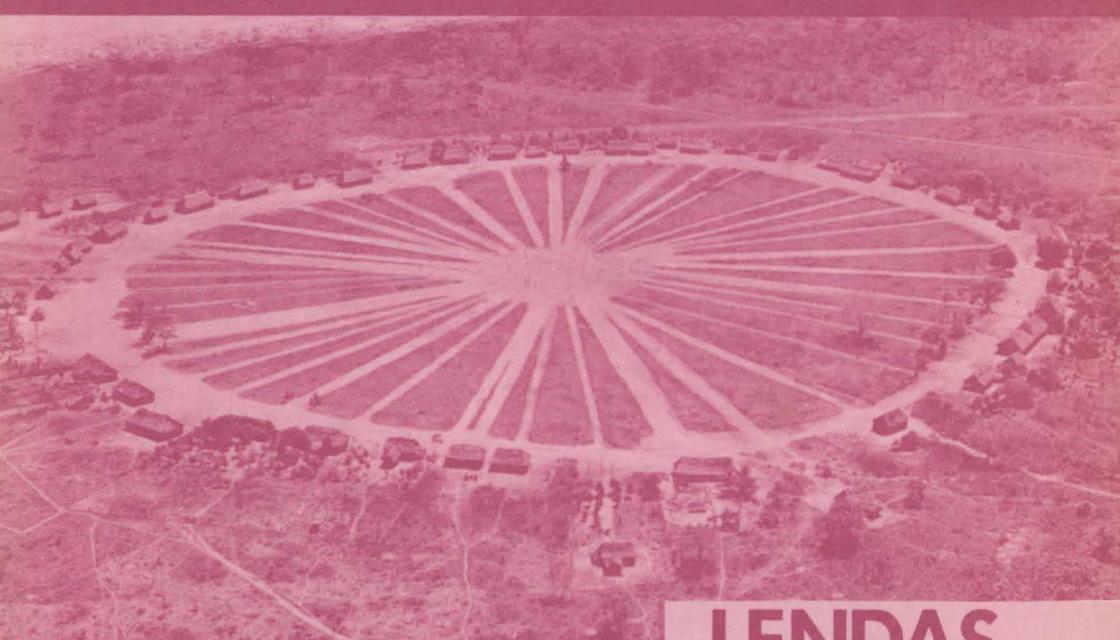


PYT ME PUTWRÝ

O Mito de Sol e Lua



LENDAS
E CONTOS
CANELA - KRAHÔ

VOLUME **3**

PYT ME PUTWRÝ

O Mito de Sol e Lua

VOLUME

3

DA SÉRIE

ESTÓRIAS DOS TEMPOS ANTIGOS

E OUTROS CONTOS

LIVRO DE LEITURA

NA LÍNGUA CANELA-KRAHÔ

REDIGIDAS POR AUTORES INDÍGENAS

EDIÇÃO EXPERIMENTAL

Publicação do
Summer Institute of Linguistics
Brasília, DF
1982

Este livro de contos, parte de uma série, tem o propósito de prover para os Canela, recentemente alfabetizados em sua língua materna, material de leitura já conhecido por eles. Assim, podem melhorar sua habilidade em ler com entendimento e fluência.

A versão na língua portuguesa tem a mesma função, isto é, dar-lhes material para ler na nova língua, recentemente aprendida, ou seja, o português. Este material é extraído da cultura canela; por isso, lhes é muito familiar.

No entanto, o mesmo não tem como propósito servir de material para estudos lingüísticos porque o texto escrito difere muito do oral. O texto oral, para ter significação, depende muito da inflexão de voz, de ideófonos, de palavras parciais, e até de gestos. A tradução em português não é, portanto, uma versão muito literal, pois, foi feita idéia por idéia. O primeiro rascunho foi feito de forma semiliteral, por um canela mais ou menos bilíngüe, e revisado várias vezes por falantes nativos de português. A intenção foi a de produzir material de leitura fácil, conservando-se, entretanto, um pouco do estilo canela.

Timbira do Leste é o nome geral dado às várias tribos pertencentes à família lingüística e cultural Gê. São elas: Apinayé, Gavião, Krinkatí, Timbira, Krahô, Apanjekra-Canela e Ramkokamekra-Canela.

Há várias diferenças culturais que distinguem tais tribos entre si: sistema de parentesco, sistema de faixa etária, população das aldeias, etc. Portanto, é surpreendente que as tribos Krahô, Apanjekra-Canela

e Ramkokamekra-Canela falem dialetos estreitamente aparentados, ou seja, muito parecidos entre si. Na verdade, as variações dialetais existentes entre estes três grupos lingüísticos são menores em número e menos importantes do que aqueles existentes na própria língua portuguesa falada no Brasil. Mas, visando-se uma descrição lingüística básica, ortografia prática e educação indígena, os três dialetos foram considerados uma só língua.

Os falantes nativos de Krahô são cerca de 1000 pessoas, que vivem em várias aldeias, a poucos quilômetros de Itacajá, ao norte do Estado de Goiás. Os Canela vivem em duas aldeias. Os Ramkokamekra-Canela são mais ou menos 800, vivendo em uma aldeia grande situada a 75km ao sul de Barra do Corda, no Estado do Maranhão. Os Apanjekra-Canela são, em número, mais ou menos 400 pessoas, vivendo cerca de 100km ao sudeste de Barra do Corda, Estado do Maranhão. A maioria dos adultos alfabetizados (cerca de 50 ou 60) vivem na aldeia Ramkokamekra-Canela.

A primeira narração dos mitos, visando-se a uma gravação, foi feita em 1970. O narrador era o mais idoso Canela, João Ludugero Pyhtô. Coube ao antropólogo, Dr. William H. Crocker, da Smithsonian Institution, a realização desse projeto. Diga-se de passagem, que prestou-nos grande colaboração colocando à nossa disposição as referidas gravações.

Posteriormente, as histórias foram transcritas, datilografadas e traduzidas, em primeiro rascunho, por um grupo de jovens canela: Luiz Jaco Hömpryxì, Aristides Caprêprêc, Getúlio Crôpej e José Höcôxen. O treinamento que lhes permitiu a realização deste trabalho e a editoração das histórias coube a Jack D. Popjes, lingüista do SIL. Para isso, contou com a ajuda de várias pessoas da tribo Ramkokamekra-Canela.

Constatou-se, naquela época, que muitos dos adolescentes não tinham segurança quanto aos detalhes

das histórias, e isto nos levou a deduzir que as mesmas não tinham sido contadas há vários anos. Há porém, uma vantagem; além da provisão de material de leitura de conteúdo cultural, preserva-se, pelo menos parcialmente, a rica herança cultural da Literatura Oral dos Canela.

Vários dos livros não contêm mitos ou lendas, mas sim histórias curtas que narram as ocorrências da vida cotidiana. Tais histórias foram escritas por autores nativos como experiências pessoais. Trata-se de um conteúdo mixto: algumas histórias sobre acontecimentos ocorridos na própria aldeia ou nos seus arredores; outras sobre experiências que os canela tiveram fora de sua própria cultura. O critério utilizado para selecionar as histórias que aqui constam foi orientado pelo devido respeito ao interesse dos autores e de seus leitores pelas histórias aqui incluídas.

O trabalho de campo, realizado de 1968 a 1977, mediante contrato firmado entre o Museu Nacional do Rio de Janeiro, Fundação Nacional do Índio e Summer Institute of Linguistics, permitiu a elaboração da análise lingüística e da ortografia canela.

Os editores lamentam o fato de não ter sido possível que artistas canela-krahô ilustrassem esta edição, e também, que a verificação final dos manuscritos não tenha sido feita por falantes nativos da língua, capacitados para fazerem este trabalho. Por vários anos, e por circunstâncias que fugiram ao controle dos editores, os contactos entre estes e os índios canela-krahô foram muito raros. Mas, por haver, por parte dos canela, constantes solicitações de literatura nativa, decidiu-se publicar esta série de livros mesmo em edição experimental, esperando-se que, no futuro, seja restabelecido o contacto com os falantes canela e, que sejam publicadas edições destes, e outros volumes revistos e melhorados.

Na América Latina, e mais especificamente no Brasil, existem muitas tradições e crenças que envolvem o uso de ervas e plantas para fins medicinais. Muitas dessas práticas são heranças culturais de povos indígenas e afro-brasileiros, mas também são resultado da interação entre a cultura europeia e a local. No entanto, é importante ressaltar que o uso excessivo ou incorreto de plantas pode levar a efeitos colaterais adversos, como alergias, intoxicação e até mesmo morte. É essencial sempre procurar orientação profissional de um médico ou farmacêutico antes de iniciar o uso de qualquer planta medicinal. Além disso, é fundamental respeitar as regras de uso e conservação das plantas, evitando a extração excessiva que pode levar ao desequilíbrio ambiental. A preservação do meio ambiente é uma questão crucial para a sustentabilidade das tradições e crenças populares.



PYT ME PUTWRY

Pea Pyt cumā: --Hàpīn, hànīn? Hane. Pê Putwry cumā:

Hane. Pê Pyt cumā: --Hê. Hane. Pê Pyt cumā: --Wa jê me wrÿ, cu jê me wrÿ ne jê me pjê kam apu jê me mō. Hane. Pê Putwry Pyt mā:

Pea --Ma. Hane. Ne pea ma me wrÿ me ajwar me wrÿ. Ne pea ajco pjê kam apu me ipa, ajco ame ipa ne cumā:

--Hàpīn. Hane. Pê Pyt cumā: --Hàpīn. Hane. Pê Pyt cumā: --Hàpīn. Hane. Pê Pyt cumā: --Hàpīn. Hane. Pê Pyt cumā:

--Hê. Hane. Pê Putwry cumã:

--Hã wa jê me. Hane.

Pê ajco pê mã nam mam mam ajco waky me rôhkryt me wapo, me ajco ta hâpêñ to ipa, pê nee ajco ame hâpêñ nare, mam me quêtjê ajco nee ame hâpêñ nare pê ajco waky me pit mã wapo ajco ta apu apê, pê ajco Pyt cama ajco ipa ne hõmpu, ne ma ajco ipa, ajco pijamã ipa, ne Putwry me ihkrí xà ita kam ajco me ihkrí pê ajco amji mã:

--Xi wa mõ ne ampo pupu. Hane. Pê ajco wapo te 'kru kru' to hajýr to ipa. Pê waky ajco ramã ihkôt ajco te pĩ to 'tow tow tow'! 'Aw aw'! Ajco ramã ihkôt pĩ to 'crua crua crua'! Ne pea amû 'êê' ne ramã pur to mût kam hane he ramã pê ampô ita wyr Putwry mõ ne amji mã:

--Caxi ampo wyr mã ajte hâpîn hane apu ipahtu. Hane. Pê ajco tee amji to ipa ne awjagã, ne ma hacpýa mã ipa. Pê ajco Pyt cama hamã.

Pê kyjre mã crow xô cumã ajêt pê ajco ipa Pyt ipa ne ajco hagã ne ajco hirê ne ajco to hane pê ajco cumã ihkâ impoc pê ajco jihcupâ ne ajco ihkrâ rẽ ne ajco ma ipa, ipa

ne ajco ikwy pê Putwryjre mõ ne hîn pupu, hîn pupu ne Pyt mã:

--Hâpîn, ampo to mã ajte ampeaj kam jê jîn pej? Hane. Pê Pyt cumã:

--Ampo wyr mã jê apu mõ ne ry jê te ijîn pupun? Hane. Mã Pyt wryjre cumã:

--Wa ityj ikwy to tê ne ite jê jîn pupun, ne jê imã ampo ita jarë wa jê cuxà to ijîn pejti ne to ijîn tatapti ne. Hane. Mã pea Pyt cumã:

--Mû xà tôckre rã xa he, tôckre rã ca mõ ne ihnõ krê icuxà, ta mã wa cuku ne ijîn pej. Hane. Mã pea ma Putwry tê ne tôckre rã na xa ne ihkwÿ mã ampeaj ne cukrê ne pea ma ne tê. Pê Pyt cumã:

--Hâpà jê te ihnõ krêr? Hane. Pê Putwry cumã:

--Yhÿ. Hane. Pê Pyt cumã:

--Hã, jê amji jamã quê jê jîn xà quê kra jê tê ne ikwy ne jêa amji jîn pupu. Hane. Pê pea Putwry hînxà pê amji mã:

--Xi wa tê ne ikwy. Hane. Ne pea ma tê, ma tê ne pea hîn mã carôt pê tôckre rã hî ta na ajco hõkâ pîn ajxwy he, pê pea ajco hõmpu ne amji mã:

--Ampo na mā hāpīn apu imā ihhēj wa ite tōckre rā krēr mā ajte tōckre rā hīa ta u na ajte hapōj. Hane. Ne ma ne mō ne pea Pyt mā:

--Hāpīn, ampo na mā jē apu imā ihhēj wa ite ityj tōckre rā kwȳ krēr mā hamreare hacpȳ ne tōckre rā jīa na wa ite to ikwȳr. Pea mā Pyt cumā:

--Yhȳ, ta mā wa cuku. Hane. Ne pea ihytj Putwry jȳ. Pē Pyt cumā:

-- Hāpīn, ampo na mā jē apu imā ihhēj? Ampo na mā jē te ijīn kwȳ jaxār ne jē te apu hīn me to ipicacwȳr, ma ajte jē apu hajȳr kēt nare. Hane. Cama xy cumā hane. Ne pea ajco me jȳ pē ajco pī `tow! Pē Putwry jȳ ne amji mā:

--Xi pa caxi ma hahpanxà na mō. Hane. Pē ihytj Pyt nō ne gōr pē pea hahpanxà na mō pē Pyt amū hō pry nō, pē ma ihkōt mō, pē pea amū ipa xà pē amū ihkōt mō. Pē amji mā:

--Caxi pry ita kōt wa caxi mō, caxi ampo wȳr mā apu jē ipa? Hane. Ne pea mō pē pry amū nō. Pē pī ajco te `tow tow! Ne ajco te amji mā carār he, ne ajco pī `crua crua crua! Hane. Pē Putwry amji mā:

--Caxi jūm jē mā ajte hāpēn to mō? Hane. Ne pea ma ne mō ne pur mā cato, pur mā cato. Pē hamreare, hamreare mehī me hamreare, pē wakȳ pit ajco apē he, wapohti ajco hitep to mō, pē ajco ihkōt to irēn to mō, pē ramā amū ihkōt carā mat na hane, he, pē pea xa ne hōmpu pea ampo cunea pȳm, wakȳ pȳm ne wapo pȳm. Pē pea xa ne amji mā:

--Hāpā mā ajte ampo itajē pȳpȳm? Hane. Ne tee mō ne wapoti py ne to ahkēt mā ampa ne cumā hikra pē ma ihpȳm, pē tacu hipēr cupy ne hipēr to hanea hamreare pē ma ihpȳm. Pē cumā:

--`txc' Hā ca apȳm. Hane. Ne pea ma ne mō ne wakȳ to hanea ne cupy ne tee to pī to `xyc', pē hanea ne ihpȳm. Pē hipēr cupy ne hipēr to inxec, hamreare pē ma ihpȳm. Pē cumā:

--Ca apu gikwa akīn kam wa apu awȳr mō ne apu ato pī xexec ca apu apȳpȳm, to wa hacpȳ mā ato pī xexec. Hane. Ne pea ma ne mō.

Ma ne mō, ne pea mō ne amji mā:

--Caxi ampo wȳr mā ajte hāpīn apu ipa caxi. Hane. Ne pea ma pry ita kōt mō, pē pea

crow xô kyjre mā ajêt amū ihhôti amū hane he,
pê pea hõmpu ne amji mā:

--Xãmte ita wyr mā hâpîn apu ipa. Ne pea
prôtpê mō ne crow xô nõ ta ne pea hagã pê
cumã irerec pê ajco cupà, ne amji mā:

--Cute hajyâr na mā hâpîn ipa ne ihcupà
ne to hîn pyc kre nare. Hane. Pea ajco cupà
xy cumã irerec pê cupà, ne hipêr nõ ta ne
hagã pê hîpê pit irerec pê cupà, tacu hipêr
nõ ta ne hagã, pê hamreare, cumã irerec nare,
pê ajco te hagã, ne cumã:

--Ampo caxuw mā ca ipê atyj? Hane. Ne
pea crow py ne to ipär to tow to ipär cakwî,
pê pea hamre te crow 'uuuu'! Mû matri hô ajêt
he, pê ajco Putwry xa ne amji mā:

--Pyhâpà? Mâ ajte ma crow xô jâpir, quê
kra hâpîn apu ikam incryc. Hane. Quê kra
xãmte jäämä ito. Ma ne mō ne cato.

Pê hahpan xà na mō ne amji mā:

--Hâpîn jûrûm mā ca apu jê mō? Hane. Pê
Putwry cumã:

--Wa mō ne ixwyr ne mō. Hane. Pê Pyt
hahpanxà na ma ne mō.

Pê hamreare waky caricti pê ajco tee kam
hapac to mō, ne pea pur mā cato. Hamre pê

waky amû apu ihkrîna pjê kam apu ihkrî,
wapoti hanea ne pjê kam apu ihkrî. Pê mō ne
xa ne ajco hõmpu, ne amji mā:

--Hâpînre kaj na mā cute ampo itajê
pupun mā ampo itajê pypy, xãmte cute hajyare
na ri ajpên cô rûm mō, gakry ne ajco apu mō,
ca kra ita caxuw amji na ipupu. Hane. Ne pea
hîrmâ mō ne cumã:

--Hâpîn? Hane. Pê Putwry cumã:

--Hê. Hane. Pê Pyt cumã:

--Ampo caxuw mā jê te hajyâr? Ampo wyr mā
jê apu pur wyr mō ne jê te pur pupun, mā ampo
cunea pym. Hane. Mâ Putwry cumã:

--Pypy, wa ite hõmpun nare, jê mõr xà
ita na ite jê pupun nare, wa ite jê pry ita
pupun nare, wa ityj mō ne apu xwa ne ma ne
mō. Hane. Mâ Pyt cumã:

--Hamreare wa ite jê par pupun, wa ite
jê mõr xà pupun, ne ca apu jê amji to apimxur
nare, ampo caxuw mā jê apu hajyâr to mō? Ajte
ry jê te mehkra mā to hahkre. Hane. Ne pea
ihprôtpê caxuw pî py ne cute to 'tow'! Ne pea
cute ihcuran. Mâ pea apu ihtertet ne pea
ihtyc.

Mā Pyt jŷ ne amji mā:

--Ampo na mā ajte ite hâpînre curan, jūm
me wa kra ajte apu ipa, hamreare wa kra
ipyxit peaj ne apu amji mā hamār nare. Hane.
Ne pea ajco jŷ ne amji mā:

--Xi wa cupjê ne cuxi quê xwŷ mā hacpŷ
mā 'uu' ne kôt. Hane. Ne pea amū hara na cupy
ne amū ihkjên to mō ne pī kat na cuxi,
ahpykrā mā cuxi ne wôhô kēkē ne to pro ne pea
ma ne mō, ma ne mō ne cormā jŷ, pê ahna ahtûm
pê ajco mō kôt, ne pea Pyt mā:

--Hâpîn, hâpîn, ampo na mā ajte jê te
icuran, xà wa apu jê to hane? Mā ajte jê te
icuran? Hane. Pê Pyt cumā:

--Pypyñ wa ite jê curan nare, ampo na wa
jê cura? Hane. Mā Putwry cumā:

--Wa kra pa mā jê to hajŷr nare. Hane.
Ne pea cute to 'tow'! Tapan tapan Pytwry te
Pyt curan. Mā Pyt tyc ne nō.

Mā xa ne hõmpu ne pea amji mā:

--Ampo na mā ajte ite hâpîn curan, jūm
me wa kra apu ipa. Hane. Ne xa ne amji mā
hane, ne pea hamre cute tē ne pī te hajŷr pyr
ne ajco to pjê kwŷ, to pjê to 'xyc xyc xyc'!
Pea cute kre ne ita na to hajŷr ne pea cute

tēm ne Pyt pa na ipyr ne cupjê ne pea cute
kre kam men cute kre kam men, ne pea cute
wôhô kēkēn ne pea to pro ne pea cute kam pjê
men, cute kam pjê jaxwŷr, ne pea hamre. Ne
pea ma ne mō ne pea jŷ. Mā pea Pyt amji mā:

--Ampo na mā ajte hâpîn te amji kîn te
ijarêt, wa kra pa mā jê to hajŷr nare. Hane.
Ne pea ma ne mō. Pea Pyt te apu pîhhô crân ne
cator ne ma kôt mō, ne pea Putwry mā:

--Hâpîn? Ampo na mā ajte jê te icuran ne
jê te mehkra mā to hahkre, hamre quê kra
mehkra me ty ne jā mā ne tŷj me amji jarêt,
ca ate ramā me to cumā hahkre tu, ca cama jê
ixi na mā hane, jê cama ixi na mā quê mehkra
me ty ne hacpŷa ne mehkra me hapôj. Hane. Pê
pê mā nam me ajpën mā me hane, pê Putwry Pyt
mā:

--Pypyñ mā ajte ikrâ pictortu wa ite jê
jarêat to jê jarêt, wa ite ramā jê pjêctu.
Hane. Pê pea apu cumā hane.

Pea ma me mō ne mûhûrân cute crow nō hôr
prâm te ma ne mō, mā pea krâ crow kÿajpê
ajêt. Mā Pyt xa ne hõmpu, ne jū mā quê to, pê
mat ri cupê ajêt pê xa ne ajco hapê ne ma

hacpÿ mā mō ne pea ajco jÿ. Pê pea Pyt hacpÿ mā ihtîr ne pea jÿ.

Pê Xàj ajco Xàj ajco, `truuu'! Pê ajco jÿ ne kampa. `truuuu'! Pea pê pê mā nam ajco jÿ ne kampa, ne pea amji mā:

--Hā xi wa ampo ita wyr mō ne caxi hōmpu. Hane. Pyt pê ajco jÿ ne amji mā hane. Pê ihytjy Putwryjre jÿ. Pê ma Pyt hÿrmā mō, hÿrmā mō. Pê ajco ajêt ne ajco `xit xit truuu'! Ajco pī pu na ajco ajrō he, ajrō he, ajco pī to `truu'! Pê mō ne hapa, ne pea cumā:

--Hàpîn, hàpîn. Hane. Pê Xàj cumā:

--Hê. Hane. Pê Pyt cumā:

--Xämte jê mā jê ajêt ne jê apu awjahy? Hane. Pê Xàj Pyt mā:

--Yhÿ, wa ajêt ne apu pîncô kôt apu hahy, xà hōtpê jê te ijûjahyr par? Hane. Pê Pyt cumā:

--Yhÿ, wa ite jê jûjahyr par ne ajpên jê wyr mō. Hane. Pê Xàj cumā:

--Mer ampo wyr mā jê mō? Hane. Pê Pyt cumā:

--Wa ampo wyr imôr nare, quê jê imâ ihkrâ kâ intêpti ita nô wa to ikrâ pro ne to

hanea ne ikrântêp ne, imâ jê kam ihkînti. Hane. Pê Xàj cumā:

--Quê pimâ jê cumâ awcanâ? Hane. Pê Pyt cumâ:

--Wa kra ityj cumâ awcanâ. Hane. Pê Xàj cumâ:

--Krâ wa kra ityj jê mâ nô jê cumâ hûhkra to hanea ajco. Hane. Pê Pyt cumâ hûhkra to hane. Pê Xàj amû ihkrântê te ita capa ne pea amû Pyt jûhkra kam amû cumê he, pê ajpên kam hakrat ajpên ry ne pea hûhkra kam, hûhkra kam ihpym pê ajco te Pyt:

--`hatii hatii'! Pê ajco hûhkra kam te, pea kam tyc, pea kam ty, pea kam ty. Pê Xàj cumâ:

--Hâ jê to krâ kâ. Hane. Pê pea ihkrâ mâ haxâ, ne Xàj mâ:

--Hàpâ mär hôtpê kam ipupun prâm? Hane. Pê Xàj cumâ:

--Yhÿ, kam imâ jê pupun prâm. Hane. Pê Pyt cumâ:

--Tamâ. Hane. Pê Xàj Pyt mâ:

--Hâ ite rÿ jê mâ hôr gapacata ne jê to mō. Hane. Pê Pyt ma to mō.

Pê Putwryjre hōmpu, ne pea Pyt mā:

--Hàpīn, hàpīn, jūri mā jē te krā kā intēpti ita amji krā na hir ne to mō? Jē imā cugō wa jē cuxà to ikrā kā? Hane. Pê Pyt ma apu cupē intē ne cumā:

--Wa amā hōr nare. Pê Putwry cumā:

--Ampo na? Hane. Pê cumā:

--Hamreare cama jē imā cugō, jē kam imā kinti wa apu tahna jē wȳ. Hane. Pê Pyt cumā:

--Kampa, kampa he. Hane. Pê ahna ahtūm pē `truu'! Hane. Mā Pyt cumā:

--Hō hō ita te ri imā hōr he, jē mō ne jē icuxà cupē nō py. Hane. Pê Putwry cumā:

--Wa jē me jē me, jē ito mō wa cupē nō py jē cuxà. Hane. Pê ma to mō. Pê Xaj ajēt ne me cumā:

--Hàpà? Hane. Pê Pyt cumā:

--Yhȳ hàpīn to wa mō, quē jē cumā krā kā nō gō, namri apu ita na iwȳ, wa ma apu cupē intē. Mā Xàj cumā:

--Mer hō hō, quē ha pimā cumā awcana? Hane. Pê Pyt cumā:

--Pypyñ, Hàpīn wa ha pa jē mā cupy? Hane. Pê ma Putwry apu cupē intē ne cumā:

--Ahā cōt mā jē cupy ne jē apu ipē intē, cōt mā jē apu ipē intē. Hane. Mā Pyt cumā:

--Hàpīn, wa kra apu jē pē intē nare, pom mer ramā ite ita to ikrā kā ita he? Hane. Ne ajco cumā ihkrā cahhy. Pê Putwry cumā:

--Wa kra pa cupy. Hane. Pê Pyt cumā:

--Hā, mer jē cumā awcanāa ne ajco. Hane.

Pê quēt Pyt mōr mā amji mā carēc te cuware ita pupu. Pê pea hūkra kam cormā ihkrā intē te capa ne amū kam cume pē pea ahpar mā ihkōt hakrat ajpēn ry ne pea Putwryjre jūhkra kam ihpȳm, pē pea cute hajȳr prām te.

--Hati ti ti ti ti, hati ti ti. Hane. Pê Pyt cumā:

--Jē cumā awcanāa ne. Hane. Pê Putwry ajco te to hane, ne pea prōtpē pea cumā hū pōt, hamre pē amū ahpar mā tē ne pea ahtu na ajēt.

Hamre amū pōc ihcāmror to tēm pyrentu. Pê amū Pyt ajcahu ne quēt carēc te cuware ita mā axà ne pea quēt ajco jȳ. Pê pea Putwryjre amū ihkīnte amū tē ne pea amxyre jōkā mā axà, pē pea ihpōc to mō ne pea tahna ajēt, pē pea tahna amxyre jōkā pōr, pē cato ne pea ma kwȳr

puro, pê krātuc jōkà ajêt pê cumā axà. Pê ahna pôr pê pea cato ne pea kwÿ pê cucrohti jōkà ajêt pê cumā axà. Pê tahna pôr pê tacu ma kwÿ ma kwÿ, pê tacu cugõnti jōkà pê cumā axà, pê ahna pôr pê tacu hipêr cato ne ma kwÿ, pê tyrcaprëre ajêt pê xwahna amū cumā 'cru' ne cumā axà. Pê tahna pôr pê kÿjrûm ihpÿm ita caxuw hamre, ajco te amji to hûcapi to tê, pê awxêt kreti hane, awxêt kreti hane, pê pea amû kwyr mä ma cumā 'cru' ne cumā axà, cumā axà ne ajco amû amcoco ne ajco kêt, pê pea pôc ajco 'uuu'! Ne ajco hõ xêt pê ajco nõ, te ajco ajcamë te ajcamë te ajcamë, pê pea amû ahtuti 'uuu'! ihpôc te hakren. Pea mä nõ ne ajkampa, mä amû mÿ pôc to mõ. Pea kûm pit he

Pyt cator ne amji mä:

--Xi wa hâpînre japên to mõ, mõrmõ tacu jê te caxàr. Hane. Ne ma ne mõ, ma ne mõ, pê ajco kûm kam hapôj to mõ. Pê Pyt amji mä:

--Namhã hâpînre mõ ne, jê te caxàr nare.

Hane. Pê ma ne mõ. Pê Pyt cumä:

--Hâpîn? Hâpîn. Hane. Pê Putwry cumä:

--Hâpîn, cama jê imä. Pê Pyt cumä:

--Wa tee jê mä, wa kra pa jê mä cupy? Hane quê jê ipê intê hâpà jê te cumä hûcanär icuxà? Wa tee jê mä wa kra pa cupy ne jê mä cugõ, hane, mä hõtpê jê apu ipê intê, jû mä wa jê to, pom mer jê te caxàr nare ita ne jê hîa mõ ita? Cama kûm te jê tycti mä. Hane. Mä Putwry cumä:

--Cuhy pôc te itycrî, cute itycrî cwÿrjpê wa. Hane. Pê Pyt cumä:

--Hâpîn, wa cama apu jê mä, wa jê mä, jê apu ikam incryc nare, wa kra hanea ne jê kam icryc nare. Hane. Pê Putwry cumä:

--Ma. Hane.

Ma ne me mõ, me mõ ma pea cûmtûm pit, cûmtûm xêt cûmtûm xêt apu ihkrî. Mä Pyt Putwry mä:

--Hâpîn, wa jê me cûmtûm xêt nõ impÿ ne jê me hâmî, ne jê me ihkwÿ krê. Hane. Mä Putwry cumä:

--Ma. Hane. Mä pea cute me ita pÿn, mä cute ita pÿn. Mä Pyt xa ne hõmpu ne cumä:

--Jû quê jê cupy. Hane. Pê Putwry Pyt mä:

--Pÿn, jê nõ impÿ, wa kra nõ impÿ. Hane. Mä Putwry cumä:

--Cahājti wa ha cupy, quē kra jē hūmti pȳ? Hane. Mā Pyt cumā:

--Ma. Hane. Mā pea cute cahājti impyn, mā Pyt te hūmti impym. Ne ma ne me to mō. ne to mō me to iwryc cō na. Ne cute me kij ne pea ame kā cukēn pēj ne pea cute me hōhpōc. Mā Pyt te mam hō tekjē jō pōc mā py te te ihtwym ajpēn hōkōt tohhi na ihtwym he. Mā Putwṛy mā:

--Hāpīn jē hō tekjē jō pōc. Hane. Mā cute hō pōc mā hamreare ihtwym nare cupē. Mā xa ne hōmpu, ne Pyt mā:

--Hāpīn, hāpīn wa iā me to amji mā ahpa? Hane. Mā Pyt cumā:

--Ahā. Hane. Mā Putwṛy cumā:

--Namri, cama jē to ahpa, cu jē me to amji mā ahpa, ipē ita hire, wa ite twym kwy cahōr prām to wa apu. Hane. Mā Pyt cumā:

--Mer ma. Hane. Ne pea cute to cumā hāhpan, cute to cumā hāhpan. Mā pea cute to cumā ipijapyn hacp̄ya mā, ne pea cumā hōr. Mā tacu Putwṛy te hajyār ne to ipijapyn ne cumā hōr, cute cumā hōr mā pea cute hō pōc mā cute hajyār ne cupē ihhire te apu to cupa hacp̄y

mā, tee apu to cupa, mā ma apu cupē ihcaca, ne cumā:

--Ahā, wa to ijāhpan nare. Hane. Mā pea prōtpē pea cute hīpē kwy hyr ne pea tahna ihtwymti mā mā pea cute caxuw pī xwahhi ne ahna caxwyr ne pea cuhy prā na apu xēt. Mā Putwṛyre apu kij jāmīr to kwy ne ma mū cahpa na ihpym ne nō ne gōr, kij cakēn kam n.o ne gōr. Mā Pyt cumā:

--Hāpīn, hāpīn. Hane. Mā ihtyj nō ne gōr. Mā Pyt amji mā:

--Pyhāpā, cōt mā ajte gōr caxi. Hane. Ne pea ma ne hȳrmā tē mā pea tȳj nō ne gōr mā cute incwyrpē to hajyār mā ajpēn cūmtūm twym tē ne tu kam ihpym. Mā:

--Hati ti ti ti, hati ti ti, ampo na ajte jē te apu icuxōt hāpīn. Hane. Mā Pyt cumā:

--Wa ite apu jē cuxōt nare, pȳpȳn, hamreare wa ityj to hajyār to tē mā ajte amū twym ita jē tu kam ihpym. Hane. Nē cumā:

--Cō wyr, cō wyr quē jē amji cati tu ne cō mā jē ihpym, mār quē jē mā cō hakry. Hane. Mā pea amū hiprore kwy ne pea cute cō mā xoc. Mā Pyt cumā:

--Jê nō ne apu caprān pejre jō caxun nare, cōt mā cô jē to tē. Hane. Cute cumā harēn to hajyr nō nōrom hōtpē hō to hane, mā cô harēt to ipa, mā pea Pyt cumā:

--Hàpīn cama jē nō, ajkī wa ite jē mā harēn nare. Mā hacpÿa mā cô inxô to ipa he, cô inxô to ipa mā te cumā mā hōtpē nō ne hō caxu, ne pea cute cumā quēat ne to 'iii'! Mā pea cô te 'uuu'! Pea hamre cô amū ma Putwryjre to tē he, mā Pyt mā:

--Hàpīn hàpīn jē imā pī nō me wa ahna api. Hane. Mā Pyt cumā:

--Ajkī wa ite jē mān nō, mer ampo caxuw mā jē nō ne apu caxu. Hane. Mā pea hamre amū cô irēn to tē mā cute cumā pure incrà men mā pea cute ahna impÿn ne to 'xy' ne ihkwīn, te cute hipēr cumā atwyr crà men mā cute to 'xy' ne kwīn. Mā Pyt cumā:

--Ca amū mō. Hane. Mā pea hamre ma cô amū to mō, to tē. Mā kōcjōjti hô pecti, mā pea cute ahna ipyr, ahna ipyr, ne kājmā tahna incwyr pē pea hāpir, hāpir ne pea ma ne mō. Mā Pyt amji mā:

--Xi wa hāpīnre japē mōrmō tacu cô ma cô

jē to tē. Hane. Ne ma ne hapēn to mō, mā ramā hāpir ne mō. Mā Pyt amji mā:

--Jū na mā jē jāpir. Hane. Ne pea Pyt ajpēn mō ne cumā:

--Hàpīn. Hane. Mā Putwryjre cumā:

--Hàpīn hane, imā ampo co men wa ahna ijāpir nare, ne jē imā pīncrā rē wa kēkē mā cô ajmār ito tē. Quē kōcjōjti hô na ijāpir tahnaa wa mō. Hane. Mā Pyt cumā:

--Hōhō pom mer jē jāpir ne mō ita? Xà mer ato tē? Wa tee jē mā pīncoa japē ne amā pīncrā rē ca kēkē ca pīncrā kēkēn nare, pīncoa wa amā curē. Hane. Mā Putwryjre cumā:

--Quē pīncrā ca imā arē wa kēkēn to mō, quē kōcjōjti hô ita hamreare wa ijāpir nare, quē ha ma cô ito tē. Hane. Mā Pyt cumā:

--Mer ampo na mā jē nō ne apu caprān pejti jō caxu wa ajkī te intē te jē mān nare, wa jē me? Hane. Ne ma to mō, ma to mō, pē Pyt cumā:

--Wa jē me xwa? Hane. Pē Putwryjre cumā:

--Ma. Hane. Pē Pyt Putwryjre mā:

--Wa jê me xwa ne jê me amji mā me ikra capi. Hane. Mā Putwryjre cumā:

--Ma. Hane. Mā amū Pyt te kam to xēp, mā py cumā ihmra cahputti. Mā Putwryjre te cujà amū intoj, mā hamreare, cupê ihmkrare ita kà tyc re ne cupê ihmkrā krit re. Mā Pyt mā:

--Hàpīn mā ajte jê kīnte ipê ikra ita krā krit re, ne kà tyc re, wa jê me to amji mā ahpa. Hane. Mā Pyt cumā:

--Ahā. Hane. Mā ma apu cupê intê, ne cumā:

--Pom wa ajwar apu jê me mō ita? Hane. Mā Putwryjre cumā:

--Namri jê apu hajyr nare, pom wa jê me ajwar apu ipa ita mā jê apu hajyr to mō, ne jê hane apu ipê ampo tē. Hane. Mā Pyt cumā:

--Hāpà, wa apu jê pê ampo tē nare, mer ita na wa jê me? Hane.

Ne hamre cô to to hane ne hūhkra na ajco to 'tow tow tow'! Hamre pê py cumā ihmra cahputti hane. Mā xwahna Putwryjre to hane mā hamreare cupê kēnre, cô ita amū ajxwÿ ne to hane, hūhkra to amū hane, mā hamreare. Mā Pyt cumā:

--Hàpīn mā ajte cô ita jê kīnte apu ipê hane? Hane. Ne ma ne me mō. Mā Pyt cumā:

--Wa jê me, hamre jê me ixwyr tohhi. Hane. Mā Putwryjre cumā:

--Jū mā quê kra mehkra? Mehkra jū mā quê kra me? Hane. Mā Pyt cumā:

--Quê kra me hane he. Hane. Ne pea Pyt te pure incrà pyr cute kwīn ne to xa, cô caxuw, ne Putwryjre mā:

--Quê kra mehkra me hane he. Hane. Ne cute cô mā to 'xow'! Hamre pure xàr ne hacpÿa ne cator, intoj ne cator. Mā Putwryjre mā:

--Hōhō quê ha mehkra me hane he, ita na quê kra me ty ne amū me hikwa ne ahtūm quê kra hacpÿa ne me tīr, ita na quê kra me. Hane. Mā Putwryjre Pyt mā:

--Hāpà ita na quê kra quêt mehkra. Hane. Mā Pyt cumā:

--Jū mā quê me? Hane. Mā Pyt mā:

--Quê ha me hane he. Hane. Ne pea Putwryjre te kēn pyr. ne pea to xa, ne pea cute amū cô kam to 'xow'! mā hamre nee hacpÿa ne cator nare. Mā te hapē. Mā Pyt cumā:

--Hàpīn, ampo na mā ajte jê ijikjê rēn to mō? Rȳ jê te mehkra mā to hahkre. Hamre

quê kra mehkra mehkra jamā ne me ty nee hacp̄y ne me imprar nare, quê kra me hamre rohn̄yti mā, quê kra hacp̄y ne me hapōj nare. Hane. Mā Putwryjre cumā:

--Mā ajte ikrā pictor wa ite kēn ita pyr ne ityj men. Mōrmō ite me cumā to hahkrea to hahkre, jū mā wa mer. Hane. Mā Pyt cumā:

--Hamre jē te me cumā to hahkre. Hane. Ne pea Pyt amji mā:

--Hāpà, wa apu hajyr to mō, ne apu to mō, quê me, wa kra jē to ijāpir pyrentu, namri hamre ramā jē te mehkra mā to hahkre. Hane. Ne pea hamre ihprōtpē cute Putwry mā:

--Hāpīn, wa jē me, wa jē me api hacp̄y mā tām ne, hamre ramā jē me ite apu imōr to ihhi. Hane. Mā Putwryjre Pyt mā:

--Mā. Hane. Ne pea ma ajear amū me tē ne pea amū pry kōt me tē ne pea. Mā Pyt Putwryjre mā:

--Ita ri wa jē me api. Hane. Ne pea amū ajwar me intoj ne pea ma me hāpir. Mā ma Pyt hūrkwa wyr tē. Mā tacu Putwryjre hūrkwa wyr tē. Pea ajwar me hār. Hamre ita caxuw hipēr ame ipa nare. Amū me tēm rohn̄yti mā pea me

hāpir hūrkwa wyr me hāpir ne pea nee hacp̄y ne me iwryc nare. Hamre.

Sol disse: --Vou falar com o seu. Diga para mim o que é que você faz de dia e de noite. São elas que eu como, e que faço com coisas finas.

Lua foi lá, comendo besa tais: --Sol disse: --Vou falar com o que é que você faz de dia e de noite.

Comendo besa a jéxá, --Vou falar com o que é que você faz de dia e de noite.

Comendo besa a jéxá, --Vou falar com o que é que você faz de dia e de noite.

Comendo besa a jéxá, --Vou falar com o que é que você faz de dia e de noite.

Comendo besa a jéxá, --Vou falar com o que é que você faz de dia e de noite.

Comendo besa a jéxá, --Vou falar com o que é que você faz de dia e de noite.

Comendo besa a jéxá, --Vou falar com o que é que você faz de dia e de noite.

Comendo besa a jéxá, --Vou falar com o que é que você faz de dia e de noite.

Comendo besa a jéxá, --Vou falar com o que é que você faz de dia e de noite.

Comendo besa a jéxá, --Vou falar com o que é que você faz de dia e de noite.

Comendo besa a jéxá, --Vou falar com o que é que você faz de dia e de noite.

Comendo besa a jéxá, --Vou falar com o que é que você faz de dia e de noite.

Comendo besa a jéxá, --Vou falar com o que é que você faz de dia e de noite.

Comendo besa a jéxá, --Vou falar com o que é que você faz de dia e de noite.

Comendo besa a jéxá, --Vou falar com o que é que você faz de dia e de noite.

A HISTÓRIA DE SOL E LUA

Sol disse para Lua:

--Compadre, vamos descer para a terra para conhecer como é o mundo lá?

Lua respondeu:

--Vamos.

E os dois desceram e ficaram andando pelo mundo.

No começo, ninguém trabalhava. Os nossos antepassados não trabalhavam. Só os machados, os facões e as foices é que trabalhavam; trabalhavam sozinhos. Sol sempre chegava lá para olhar; olhava e voltava para junto de Lua. Quando chegava a hora, ele resolvia:

--Vou lá olhar os ferros, os facões brocando, os machados derrubando os paus.

As coisas faziam roça grande todos os dias. Lua foi lá, e disse:

--Não sei porque o meu compadre vem toda hora aqui.

Sol ficou quieto. Pertinho dele tinha um cacho de buriti bem baixo. Sol ficou pegando os buritis um por um, e apertava de leve, descascava, roia, e jogava fora os caroços. Chegando de volta ao lugar onde os dois acampavam, Sol costumava fazer cocô, e no cocô dele tinha buriti. Certo dia Lua viu o cocô do Sol, e disse:

--Compadre, você come alguma coisa que faz o cocô ficar bonito, amarelo.

Sol disse para Lua:

--E por que você foi ver?

Lua disse:

--Fui também fazer cocô e vi o seu. Diga para mim o que é, que também quero fazer cocô amarelo.

Sol disse:

--Está ali, as flores de pau d'arco. São elas que eu como, e que fazem meu cocô ficar bonito.

Lua foi lá, comeu muitas flores e voltou. Sol perguntou:

--Você comeu algumas?

--Sim, comi bastante.

--Então fica esperando a vontade de fazer cocô. Você vai ver, vai ficar bonito.

E logo deu vontade, e ele disse:

--Deixa eu ir logo fazer cocô.

Mas quando ele fez cocô, as flores de pau d'arco caíram inteiras. Lua foi embora:

--Ei! Compadre, por que você me enganou? Eu comi as flores de pau d'arco, mas saíram inteiras. Sol disse:

--São elas mesmo que eu como.

E ficou sentado.

--Compadre, por que você me enganou? Você misturou alguma coisa no seu cocô. Você não é gente boa mesmo.

E quando Sol dormiu, Lua resolveu ir até o lugar onde Sol costumava ir, o lugar onde as coisas trabalhavam. Foi seguindo o caminho, e chegou lá. E lá estavam os machados, derrubando os paus e gritando. Ele disse:

--Quem será que está trabalhando? Vou olhar.

Foi, e quando chegou, não viu gente nenhuma, eram só os facões e machados, que estavam trabalhando, e já tinham feito um trabalho muito grande. Mas Lua ficou olhando, e os ferros viram ele, e caíram todos no chão. Lua disse:

--Mas por que os ferros caíram?

Foi e pegou o facão e o jogou no mato, mas ele

caiu de novo. E pelejou com o machado, mas ele não deu mais. Então ele disse:

--Pode cair.

E foi embora, seguindo o caminho de Sol. E disse:

--Para onde é que o compadre vai, por este caminho?

E foi seguindo, até que chegou no pé de buriti. Aí viu o buriti e disse:

--Ah, é isto que meu compadre come.

E pegou um buriti, apertou, o buriti ficou mole, e ele roeu. E pegou outro e disse:

--É por isso que meu compadre vem sempre comer este fruto; é muito gostoso e faz o cocô ficar muito bonito.

E foi roendo quando ficavam moles. E pegou outro e roeu mas desta vez só uma banda é que amoleceu, e ele roeu, e pegou outro, e apertou, mas não ficou mole, e ele disse:

--Por que você fica duro para mim?

E atirou o buriti no pé de buriti, e quando ele bateu no pé subiu assim 'uuuu!'

E as frutas dele ficaram bem altas. Lua ficou de pé olhando e disse:

--O pé de buriti subiu muito, agora o compadre vai ficar zangado comigo.

E voltou, e logo Sol perguntou para ele:

--Ó compadrezinho, de onde foi que você veio?

Lua disse:

--Eu fui tomar banho e voltei.

E Sol foi para a roça, e foi escutando, e não ouviu o barulho dos machados. E viu os machados no chão. Ficou olhando.

--Sem dúvida meu compadre viu estes ferros, e é por isso que eles estão todos caídos no chão. É por isso que ele tinha ido para a estrada da fonte. Mas agora ele vai ver o que eu vou fazer com ele.

E Sol voltou e chegou onde estava Lua, e disse:

--Compadre.

--Sim.

--Por que você foi olhar a roça? Agora os ferros estão todos no chão, caídos.

Lua disse:

--Eu não fui pelo seu caminho, eu fui me banhar.

--É nada, você foi lá mesmo, eu vi o seu rastro, não vai dizer que não foi. Você está fazendo essas coisas, ensinando errado aos nossos filhos.

E Sol pegou um pau e bateu em Lua, e ele caiu e morreu tremendo.

Sol ficou sentado e disse:

--Mas por que eu matei o meu compadre? Com quem é que eu vou andar agora? Agora estou sozinho e nada vai dar certo para mim. Mas eu vou colocar ele na sombra para ver se ele vai viver outra vez.

E pegou no braço dele, arrastou-o para a sombra, botou-o no toco do pau e apanhou as folhas, e cobriu ele com elas. Foi se sentar, e pouco tempo depois Lua chegou atrás dele e disse:

--Compadre, por que você me matou? Eu nunca fiz isso com você; por que compadre me matou?

E Sol disse:

--Eu não o matei, por que eu ia querer o matar?

E Lua pegou o pau, e deu em Sol, e Sol caiu morto. Lua matou Sol também.

E Lua ficou de pé, olhando e dizia:

--Por que eu fui matar o meu compadre? Eu sozinha não dou certo aqui.

E pegou o pau, cavou o chão, fez um buraco de mais de um metro, pegou Sol pelo braço e o arrastou e jogou no buraco. Enterrou ele, com a folha e a terra, e depois foi se sentar.

Poucas horas depois Sol se levantou, e disse:

--Mas por que que meu compadre me enterrou, eu não fiz isso com ele?

E jogou as folhas que estavam cobrindo ele, e saiu e ficou falando:

--Compadre, por que é que você me matou e me enterrou? Você ensinou os nossos filhos. Agora quando nossos filhos morrerem, eles têm que se enterrar do mesmo jeito que você fez comigo. Se você tivesse feito comigo do mesmo jeito que eu fiz com você, eles voltariam.

E Lua disse:

--É porque o meu pensamento estava perdido. É por isso que eu o enterrei mesmo com a terra.

E Sol foi comer buriti outra vez, e viu o cacho de buriti lá em cima. Ele ficou olhando. Ele não pode fazer nada. Ficou sentado, e ouviu o barulho do pica-pau fazendo 'trruuu'. Ele disse:

--Eu vou olhar este bicho.

Sol estava pensando assim, sentado. Lua não sabia e ficou sentado. E Sol foi lá, onde estava o pica-pau. E o pica-pau estava no pau, dando voltas. Sol chegou em baixo dele e falou:

--Ó compadre!

O pica-pau o respondeu:

--Sim, compadre?

--Ah, é o compadre que está batendo no pau?

--Sim, sou eu que estou batendo. Você ouviu o meu barulho?

--Sim, ouvi o seu barulho, e vim onde você está.

E o pica-pau disse:

--Você veio dizer alguma coisa?

Sol disse:

--Sim, eu vim para o senhor me arrumar um chapéu como esse seu chapéu vermelho. Eu queria usar na cabeça para ficar de cabeça vermelha também. Eu gostei muito deste chapéu.

O pica-pau disse:

--Será que o compadre vai agüentar?

Sol disse:

--O único jeito é eu agüentar.

O pica-pau disse:

--Então eu vou lhe dar. Estende a mão assim, olha.

Sol estendeu a mão. E o pica-pau pegou o chapéu da cabeça e jogou na mão de Sol. O chapéu vinha cheio de fogo, caindo brasa, e quando caiu na mão de Sol, Sol gemeu:

--Ai, está muito quente. Ele foi segurando com jeito, até que esfriou na mão dele. O pica-pau disse:

--Pode usar, compadre.

E Sol botou o chapéu na cabeça, e disse:

--Será que é bom eu usar este chapéu? Estou bonito com ele?

O pica-pau disse:

--Eu gostei, compadre. Agora que eu já lhe dei o chapéu, você pode ir embora com ele.

Quando Lua viu Sol chegar com o chapéu, ele disse:

--Compadre, onde foi que você apanhou esse chapéu vermelho?

Me dá! Eu quero usar também. Mas Sol não deu para ele.

--Ora, mas por que que eu vou lhe dar este meu chapéu?

--Me dá, compadre, eu gostei muito dele, é por isso que estou lhe pedindo.

Sol disse:

--Escute.

Daí um momento, o pica-pau começou a bater, 'trruuu'.

--Escute, foi esse aí que deu o chapéu para mim, vai buscar um lá com ele, como eu fiz.

Lua disse:

--Não, compadre, vai até lá junto comigo, eu também quero um chapéu dele.

Sol levou Lua onde estava o pica-pau. O pica-pau estava no pau e perguntou:

--Como vai meu compadre?

Sol disse:

--Eu trouxe o meu compadre, para você dar um de seus chapéus para ele também, porque ele fica pedindo este que você me deu, mas este eu não posso dar.

E o pica-pau disse:

--Será que ele vai agüentar?

E Sol disse para Lua:

--Compadre, eu mesmo pego o chapéu para você.

Mas Lua não queria assim, e disse:

--Não, eu mesmo vou pegar, senão você pega e não dá para mim.

Sol disse:

--Compadre, eu não vou tomar o seu chapéu. Você não está vendo que já tenho um na cabeça?

--Não, eu mesmo vou pegar.

--Pois então agüenta, compadre.

E Sol começou a andar de volta, e viu logo uma casinha de marimbondo de barro. Quando o pica-pau jogou o chapéu na mão de Lua, logo começou a gemer muito:

--Ai, ai, ai, está muito quente! Ai, ai, ai, ai, ai!

E Sol disse:

--Cuidado, compadre, agüenta mesmo.

Mas ele não agüentou, e largou o chapéu, e o chapéu caiu no chão. E logo começou a pegar fogo no capim, e logo o fogo cresceu. Sol correu, entrou na casinha de barro, e ficou sentado lá dentro. Lua correu e entrou na casa de marimbondos, mas o fogo foi pegando e pegou na casa de marimbondos, que caiu. Então ele correu para a casa de marimbondos de surrão, mas o fogo queimou a casa, que caiu, e ele correu de novo. E correu e entrou na casa do marimbondo de chapéu. Mas o fogo queimou esta também, e ele caiu de novo, e de novo correu, e entrou em outras casas,

mas o fogo queimou todas, e ele correu e acabou entrando no buraco de peba, e foi entrando como o tatu, fazendo barulho. Foi chegando mais para a frente, porque sentia a quentura do fogo, até que o fogo passou. E lá ficou pensando, deitado no buraco de peba.

Finalmente ele saiu, e viu muita fumaça. Sol também saiu e disse:

--Eu vou procurar o meu compadre, será que ele queimou desta vez?

E foi indo, e de repente o compadre Lua apareceu no meio da fumaça. O Sol disse:

--Ó meu compadre, não pegou fogo, está com vida!

Lua veio e disse:

--Como vai compadre.

--Eu tinha dito para você que eu ia pegar o chapéu, mas você não deixou. Você não agüentou mesmo, viu? Mas você não morreu, está com vida. A sua cara está preta.

Lua respondeu:

--É por causa da fumaça que eu fiquei preto.

--Compadre, não precisa ficar zangado, eu estou só dizendo.

--Eu não vou ficar com raiva de você, disse Lua.

E os dois vieram andando pela queimada. Viram no caminho umas capivaras queimadas, e Sol disse:

--Compadre, vamos levar uma capivara queimada e moqueiar para comer.

Lua disse:

--Está bem, vamos.

Sol pegou uma, e Lua pegou outra. Lua ficou olhando para a capivara dele e disse:

--Qual é a que o compadre vai levar? Eu estou querendo levar a fêmea.

--Pode levar, disse Sol. Sol levou o macho, Lua levou a fêmea, e foram andando. Chegaram num puriacho,

fizeram fogo, pelaram as capivaras, e abriraram. A capivara de Sol tinha muita gordura no quarto da frente.

--Compadre, abre logo a sua. Sol disse. E Lua abriu, e viu que não tinha muita gordura no quarto da frente. Ficou de pé olhando, e disse para Sol:

--Compadre, vamos trocar?

Sol disse:

--Eu não posso trocar.

Lua disse:

--Não, compadre, não faça isso, vamos trocar. Esta que eu tenho não tem gordura, e eu estou querendo abocanhar a gordura, é por isso que quero trocar.

Sol disse:

--Está certo, vamos trocar, então.

Depois disso, eles fecharam a carne de capivara, e trocaram. E na hora que Lua abriu a dele, viu que estava magra também. Ele pelejou para trocar de novo.

--Eu não quero trocar mais, disse Sol, fazendo um espeto para assar a carne. Lua logo moqueiou a capivara dele, e ficou deitado no buraco de moqueia, dormindo. E Sol disse para ele:

--Compadre, compadre! Será que ele está dormindo? Vou ver.

E passou com a carne de capivara por cima da barriga dele. A gordura de capivara pingou em cima da barriga do Lua que acordou:

--Ai, ai, ai, ai, ai! Compadre, por que você me queimou?

--Eu não queria queimar você. Eu passei por cima de você com a carne pingando gordura. Corre para o rio e cai na água, e a água vai esfriá-lo.

Lua correu toda suja e mergulhou na água. Sol disse:

--Compadre, fique quieto, não mexa na bunda da tartaruga da água, senão a água carrega você.

Mas Lua não deu ouvidos. E ficou mexendo na bunda da tartaruga, e a água levantava um pouco e abaixava.

--Compadre, fique quieto, eu já lhe disse.

A água diminuía e aumentava, e quando Lua tocou com muita força na bunda da tartaruga, a água levou Lua. E Lua ficou gritando:

--Compadre, compadre, dá um jeito de me ajudar! Me dá um pau, eu quero sair da água.

Sol disse:

--Eu bem que lhe avisei. Por que que você ficou mexendo?

E a água foi carregando ele, e Sol só dava a Lua paus podres, que quebravam. Deu talo seco de buriti e o pau quebrou. Deu mais um pau podre, que quebrou também. E Sol disse:

--Pois, pode ir embora.

A água carregou Lua rio abaixo. Lá adiante havia uma folha de pau no meio do rio. Lua pegou na folha e foi subindo pelos ramos de pau, e chegou à terra. Saiu da água, e foi andando. Sol disse:

--Vou procurar o meu compadre. Desta vez a água levou ele.

Foi procura-lo, e lá adiante viu Lua caminhando. Ele pensou:

--O meu compadre vem chegando, ele conseguiu subir, e vem aí.

--Ó compadre, compadre, você não deu jeito nenhum para me ajudar a sair da água. Eu peguei uma folha de pau e subi. Se não fosse a folha, eu não subiria e a água me carregaria.

--Mas você chegou vivo, não morreu. Eu procurei dar um jeito mas não deu certo. O compadre, eu lhe disse antes para você não mexer na bunda de tartaruga, mas você mexeu. Vamos embora agora.

Sol disse:

--Vamos nos banhar, e testar logo os nossos filhos.

E Lua disse:

--Sim, vamos fazer isso.

Sol saltou de costas na água, e logo saiu um filho muito grande e forte. E Lua saltou, e saiu um filho muito feio, e de cabelo feio. E Lua disse:

--Compadre, vamos trocar o filho. O meu filho tem o cabelo arrepiado e o corpo preto, vamos trocá-los.

Sol disse:

--Não, não posso trocar, nós dois estamos andando, você está vendo?

E Lua falou:

--Não faz isso, compadre. Há tanto tempo que nós estamos juntos e você nunca deu nada para mim.

Sol disse:

--Eu nunca lhe neguei nada. Mas vamos fazer assim.

E foi batendo na água com a mão, e de repente apareceram filhos fortes. Lua fez a mesma coisa com a mão dele, mas não conseguiu fazer os filhos. E disse:

--Compadre, eu não consegui. Por que a água não quer se transformar em filhos?

E foram embora os dois. Disse Sol:

--Vamos compadre. Nós já nos banhamos muito, já enjoamos de nos banhar.

Lua disse ao Sol:

--Mas como é que os nossos filhos vão fazer, quando morrerem?

Sol pegou o talo de najá seco, e jogou na água dizendo:

--Eles vão assim, os nossos filhos.

O talo de najá entrou na água e não custou a sair.

--Os nossos filhos vão assim. Quando morrerem, passa um pouco e eles se levantam de novo. Eles vão assim.

Sol perguntou:

--Mas como é que eles vão?

Lua disse:

--Eles vão assim.

E pegou uma pedra, e jogou na água. E a pedra não saiu, mas ficou lá. Sol disse:

--Por que você fez isso? Quando eu faço uma coisa de um jeito, você faz de outro jeito. Você fez assim e ensinou aos nossos filhos. Quando um dia eles morrerem, não vão sair mais.

Lua disse:

--É porque eu estou com o meu pensamento errado. É por isso que eu fiz isso. Mas eu também acho que agora já lhes ensinei assim.

Sol disse para si mesmo:

--Não vou mais ficar com ele aqui. Eu vou logo com o meu compadre, porque ele já ensinou os nossos filhos.

E disse:

--Compadre, vamos subir porque já faz muito tempo que estamos aqui, e já abusamos de ficar aqui.

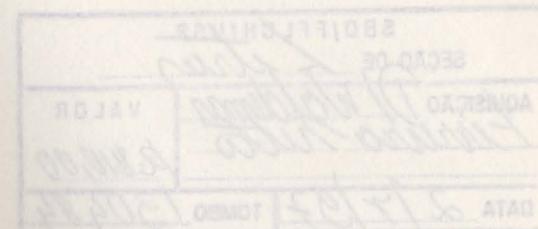
Lua disse:

--Sim, vamos então.

E foram caminhando pelo caminho, e um pouco mais adiante Sol disse:

--Vamos subir aqui mesmo.

E os dois pularam e subiram. Sol foi para a casa dele e Lua foi para a dele. E cada um entrou na sua casa e, depois disso não desceram nunca mais.



Gapac ta ne ita ri me amji mā ihhōc to me apa.

Mehī jarkwa to, nare, mehī carō, quēt me ca.

Estas páginas em branco poderão ser usadas para treinar na escrita ou para fazer desenhos relacionados às estórias.